

**ENSAIOS SOBRE CINEMA
INDÍGENA NO BRASIL
& outros espelhos pós-coloniais**

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Laranjeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll - UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

ENSAIOS SOBRE CINEMA INDÍGENA NO BRASIL & outros espelhos pós-coloniais

Marcos Aurélio Felipe



Editora Sulina

Copyright © Marcos Aurélio Felipe, 2020

Capa: Rosa Morena Felipe da Silva

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda

Revisão: Andressa Picosque e Junior Silva | Tikinet, Simone Ceré

Pesquisa da seção Índice dos Povos Indígenas: Alan Abel Cavalcante Paiva

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

F315e Felipe, Marcos Aurélio
Ensaios sobre cinema indígena no Brasil & outros espelhos pós-coloniais / Marcos Aurélio Felipe. – Porto Alegre: Sulina, 2020.
231 p.: il.; 16x23 cm.

ISBN: 978-65-5759-003-4

1. História do Cinema. 2. Cinema Indígena. 3. Filmes - Crítica.
4. Índios - Cinema. 5. Cinema - Brasil. I. Título.

CDU: 791.43

CDD: 791.409

791.437

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Setembro/2020

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Ao espírito inquebrantável de resistência dos povos originários em defesa do seu patrimônio histórico e territorial diante do processo seis vezes secular de expropriação e violação humana.

Para Ulisses

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Tatyana Mabel Nobre Barbosa, pelo apoio incondicional, pelo desmesurado afeto e pelo companheirismo de todas as horas.

Aos meus pais, pelas raízes que nos sustentam.

Ao Departamento de Práticas Educacionais e Currículo (DPEC) e Centro de Educação (CE) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), por conceder meu afastamento para a realização do estágio pós-doutoral.

À professora Angela Prysthon e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCom-UFPE), pelo acolhimento da pesquisa, diálogo permanente e contribuições inestimáveis.

A Cristina Amaral, Mari Corrêa, Sérgio Carvalho e ao Vídeo nas Aldeias, pela cessão do direito de uso das imagens.

À professora Manuela Penafria da Universidade da Beira Interior (UBI – Portugal), pela atenção de sempre.

Aos diversos pesquisadores de cinema, antropologia e história, pela produção de conhecimento sobre os povos originários da qual nossa pesquisa é devedora.

[...] entre outras bugigangas, [o capitão-geral] presenteou-o com um espelho grande de aço. O gigante [patagônico] que não tinha a menor ideia deste utensílio e que, sem dúvida, via pela primeira vez a sua figura, retrocedeu tão assustado que derrubou quatro de nossos homens que o rodeavam.

Antonio Pigafetta

(A primeira viagem ao redor do mundo: o diário da expedição de Fernão de Magalhães, 2007 [1519-1522], p. 59)

- Guzmán: Gabriela, a senhora se sente chilena?
- Gabriela: Não!
- Guzmán: O que te sentes?
- Gabriela: Kawésqar.

Diálogo entre o diretor Guzmán e uma indígena Kawésqar.
(O botão de pérola, 2015, de Patricio Guzmán)

Vocês, brancos, estão fazendo tudo errado!

Indígena Enawenê-nawê

(Yaõkwa, 2009)

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	23
APRESENTAÇÃO.....	27
1. DO OUTRO LADO DO ESPELHO: história e problemáticas do Vídeo nas Aldeias.....	33
2. VARIAÇÕES SOBRE O DOCUMENTÁRIO DE VINCENT CARELLI: múltiplos reflexos	65
3. CONTRANARRATIVAS FÍLMICAS GUARANI MBYA: reversão dos espelhos	97
4. MARTÍRIO E SERRAS DA DESORDEM: face a face	129
5. OUTRAS LENTES PÓS-COLONIAIS: o cinema contra a barbárie.....	159
POSFÁCIO	191
REFERÊNCIAS.....	197
FILMOGRAFIA.....	213
ÍNDICE DE POVOS INDÍGENAS.....	219



1 - Frame: *“Rituaes e festas Bororo”* (1917)



"Um dos filmes definitivos sobre a questão indígena brasileira."
O Estado de S. Paulo

MARTÍRIO

A insurgência pacífica e o extermínio dos povos Guaraní Katimbó



apresenta
Maurício Carrilho
em coprodução com
Diretor de Cinema
& TV

com
Cátia Andó
Miguel Mendes, Raul
Diniz, Bruna
Lorenzetti
Guarany Ricardo de Mello
Silvana de Sá

roteiro original
Maurício Carrilho & Tita
edição
Maurício Carrilho
direção
Maurício Carrilho
Maurício Carrilho

com
Diretor de Cinema
Cátia Andó
Diretor de Fotografia
Maurício Carrilho

direção artística
Silvana de Sá
montagem
Maurício Carrilho

assistente de direção
Rafael Romagnolo
Rafael Romagnolo
Rafael Romagnolo
Rafael Romagnolo

assistente de direção
Michele Fialho
Simone Duarte
assistente de
Sara Maria
Michele Fialho
Estúdio Coração

assistente de direção
Tiago Campos
assistente de direção
Priscilla Damasceno
Edição - Apêndice
assistente
Bruna Carvalh
assistente
Márcia Costa Marques

assistente Márcia Costa Marques & Pádua Amorim
assistente Márcia Costa Marques & Pádua Amorim



Produção: Márcia Costa Marques & Pádua Amorim
Distribuição: NEXUS, GUSTO, Petrobras
PETROBRAS
Estr. Dona Joana, 100 - Jd. Paraisópolis - São Paulo - SP



3 - Frame: “Ariel Ortega em *Desterro Guarani*” (2011) | © VNA



4 - Gravação de *A morada de Hakowo* (2017) | © Saci Filmes /
Foto: Talita Oliveira



5 - Vincent Carelli com os Xikrin Kayapó (1969) | © VNA / Foto: José Caron





6 - Corumbiara (2009) | ©VNA



7 - Carapiru e Andrea Tonacci nas gravações de *Serras da Desordem* (2006) | Foto: Andrea Fiuza



8 - Mari Corrêa na oficina com as cineastas Kawaiwete do Xingu (2013) | © Instituto Catitu



9 - Frame: "O povo Selk'nam em *O botão de pérola*" (2015)

PREFÁCIO

Encontrando o outro

Angela Prysthon

A melhor maneira de encarar o desejo chamado Estudos da Cultura talvez seja abordá-lo política e socialmente, enquanto projeto para constituir um “bloco histórico”, e não teoricamente, enquanto planta arquitetônica para uma nova disciplina. A política em tal projeto é, com certeza, política “acadêmica”, a política dentro da universidade e, além dela, na vida intelectual de forma geral, ou no espaço dos intelectuais enquanto tais [e ainda] a política cultural dos vários “novos movimentos sociais”: antirracismo, antisssexismo, anti-homofobia e assim por diante.

Fredric Jameson
(Sobre os “estudos de cultura”, 1994, p. 11)

Quando penso na minha relação com os Estudos Culturais (EC), lembro desse trecho de Fredric Jameson (1994), dessa ideia de “desejo”, dessa aspiração não realizável. Ou seja, uma convergência de campos talvez não institucionalizável. A ideia de desejo também aponta para o caráter processual dos EC, como algo que ainda estaria em formação (apesar das muitas décadas de existência). Nesse sentido, uma relação que buscou ir ampliando a convergência dos campos e ir incluindo sobretudo os objetos fílmicos que me ajudavam a compor de modo mais consistente abordagens compatíveis com esse desejo e com esse bloco histórico. A conexão dos Estudos Culturais com o cinema é marcada por uma grande instabilidade ou, antes, por uma incompletude, decorrente talvez da própria natureza processual e abrangente da primeira perspectiva. Especificamente no caso brasileiro, a relação dos estudos fílmicos com essa perspectiva crítica foi quase sempre permeada por uma certa tensão. De origem predominantemente francesa, os

estudos cinematográficos brasileiros demonstraram uma resistência considerável a abordagens culturalistas, privilegiando ora leituras mais formalistas e mais fechadas dos filmes, ora apanhados históricos mais tradicionais.

Nos últimos quinze anos, contudo, pôde-se notar uma maior aproximação entre os dois campos. Muitos trabalhos vêm demonstrando a necessidade de investigar os fenômenos estéticos (filmes e produtos audiovisuais em geral) nos seus contextos históricos e sociais, de analisar a emergência do cinema contemporâneo a partir de uma compreensão estética da cultura. Uma empresa de “cubismo teórico”, como diria Robert Stam (2000, p. 15), que pressupõe tanto uma costura de referenciais conceituais diversos como uma articulação consciente dos processos históricos embutidos nessas molduras teóricas e nos próprios objetos fílmicos. Parece-nos, então, que a tensão não apenas está sendo diluída, como uma percepção mais clara das possibilidades da leitura culturalista do cinema vem se consolidando e produzindo um grande interesse, inclusive em filmes menos canônicos tanto da cinematografia mundial como do cinema brasileiro. Ressaltamos então nesse processo a mescla da análise material do cinema com a história discursiva e cultural – a combinação da estrutura conceitual dos EC com a análise fílmica.

A incorporação das teorias pós-coloniais e decoloniais a partir do início do século XXI é outro aspecto fundamental dessa expansão dos Estudos Culturais no campo de cinema. A abordagem pós-colonialista do cinema reafirma as noções vinculadas ao Terceiro Cinema, mas talvez de modo muito mais articulado teoricamente. Fica cada vez mais em evidência o papel do “periférico” e dos sujeitos e saberes subalternos numa visão mais complexa da história das formas fílmicas, principalmente porque as teorias pós-coloniais/decoloniais estão associadas a um gesto de descolonização, ainda que não seja uma descolonização concreta (algo que já foi mais ou menos realizado no plano geopolítico – com todas as falhas e incompletudes) das lutas armadas e acordos militares, mas a descolonização cultural, a descolonização fílmica. Diferentemente da antropologia clássica ou da historiografia tradicional,

as teorias pós-coloniais pretendem representar seus objetos (sujeitos, discursos, contextos relacionados à periferia) diretamente. Mais do que isso – já que a pós-colonialidade contesta uma já ultrapassada concepção de representação –, é a própria voz do subalterno que está em jogo. A reescritura periférica da história ou a desconstrução do Ocidente feita pelos estudos pós-coloniais, portanto, implica um constante desafio à hegemonia ocidental e, se não uma completa inversão, uma *reacomodação*, um questionamento do cânone cultural.

No campo cinematográfico, tais concepções têm um efeito fundamental na propagação e na maior visibilidade de filmografias anteriormente desconhecidas, despercebidas. A própria noção de “Cinema Mundial” ganha maior densidade, aponta para uma diversidade e para nuances que não estavam tão presentes na ideia de Terceiro Cinema. Trata-se de uma revisão da história do cinema que implica a reconsideração das cinematografias asiáticas, africanas, latino-americanas diante de cânones europeus e norte-americanos. Mas essa virada pós-colonial no cinema implica sobretudo a consideração dos sujeitos historicamente silenciados (minorias étnicas, sexuais), o reconhecimento da alteridade e um projeto de descolonização audiovisual tanto no sentido da produção cinematográfica propriamente dita como na sua análise. Chegamos então ao cerne deste prefácio, que é precisamente o universo que Marcos Aurélio Felipe nos apresenta nesta bela coleção de ensaios e artigos dedicados aos filmes da organização não governamental Vídeo nas Aldeias, aos trabalhos de seu fundador e principal cineasta, Vincent Carelli, e às obras dos coletivos de cineastas indígenas. Parece-nos crucial o modo como *Ensaio sobre cinema indígena no Brasil & outros espelhos pós-coloniais* se aproxima desse projeto, que é bem mais que uma lista de filmes, bem mais que um programa de intervenção social e cultural nas comunidades indígenas: seu olhar vai tecendo elos entre os modos de representação e as estéticas imagéticas do cinema indígena e as maneiras pelas quais esses filmes se constituem como documentos históricos e antropológicos.

Evidentemente seu interesse é menos pela linguagem cinematográfica trazida à tona por esses documentários (na sua imensa maioria)

do que pela sua disseminação no contínuo discursivo sobre o Outro na cultura brasileira, no reconhecimento de histórias locais e saberes silenciados. Ao longo dos cinco ensaios que formam o livro, Marcos Aurélio Felipe endereça sagazmente as questões mais urgentes do cinema indígena brasileiro, alinhando-se a uma defesa contundente do patrimônio territorial e cultural dos povos originários. Parece-nos evidente que seu livro não é apenas sobre a produção audiovisual do Vídeo nas Aldeias, mas sobre como esses filmes têm um papel fundamental na constituição de um cinema de alteridade no Brasil, mais ainda na consolidação de uma cultura decolonial. Com este livro, Marcos Aurélio se junta aos estudos antropológicos, fílmicos e da comunicação que buscam revelar, compreender e valorizar a visão de mundo desses povos. Além disso, ele se filia a um movimento de remapeamento, reposicionamento e redefinição do que se entende sobre cinema e sobre documentário. Trata-se de uma leitura incontornável para quem está empenhado no projeto de descolonização do mundo, descolonização da história do cinema e para quem se interessa em conhecer uma das filmografias mais instigantes, políticas e potentes do cinema brasileiro contemporâneo. Com seriedade e consistência, Marcos Aurélio Felipe se imbui desse desejo chamado Estudos Culturais e se arma com as bases das teorias pós-coloniais, dos estudos de documentário e da antropologia visual para ver esses filmes, falar sobre eles e pensar um mundo alternativo a partir deles.

Referências

JAMESON, Fredric. Sobre os “estudos de cultura”. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, n. 39, p. 11-48, 1994.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Campinas: Papirus, 2000.